



mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV
Jornada
EBP-MG
{fora de série}

O amor é um discurso oceânico ou podemos ter um amor mais digno?

Jorge Antônio Pimenta Filho

Analista – Membro da EBP/AMP

O que seria um discurso oceânico nos tempos de ira, de ódio, de pandemia e em que os laços sociais parecem se esgarçar pois, tomados pela angústia ante um impossível de governar que é a vida, os falasseres buscam saídas e às vezes não encontram?

No começo da experiência analítica, nos indica Lacan¹, é o amor, que ele mesmo nomeia como espesso, confuso. Um começo de formação onde um homem e uma mulher – Joseph Breuer e Anna “O” nos mostram as vicissitudes do que seja o amor de transferência. Início do que viria a ser a psicanálise a qual o Dr. Breuer abandona no nascedouro. Claro que ele, Breuer, amou sua paciente, mas o fervor conjugal – expressão de Lacan – de sua vida burguesa augurou-lhe a possibilidade de uma viagem à Veneza da qual teria resultado a gravidez de sua ciumenta mulher e lhe deu uma filha.

Mas a separação ou divórcio amoroso mais importante a se destacar não é o de Breuer e sua paciente, mas o de Breuer e Freud que, mesmo escrevendo juntos os Estudos sobre histeria, a obra só terá valor para aquele que não recuou diante de seu ato criador, Freud. Se Breuer se retira em viagem com sua amada esposa, para Freud, nos diz Lacan², o caminho da retirada estava bloqueado. “Ele – Freud – encontra mulheres ideais, que lhe respondem com modos de porco-espinho, sie streben dagegen, como ele próprio escreve no sonho da injeção de Irma, no qual as alusões à sua própria mulher não são evidentes, nem confessadas – elas são sempre do contra”.³

Curiosa observação de Lacan que, nos parece, não duvidou de que Freud também se viu cercado pelos ciúmes conjugais frente ao exercício de sua atividade clínica atendendo mulheres. Mas ele não recuou. Na peça ficcional “Freud, além da alma”, filme de 1962, dirigido por John Hous-

¹ Lacan, J. – “O seminário, livro 8: a transferência (1960-1961 - Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992, p.12

² Ibid., p. 16

³ Ibid., p. 16

ton, cenas de ciúme de Frau Freud ficam evidentes.

Lacan no Seminário, livro 8: a transferência⁴ nos indica uma certa semelhança entre Freud e o filósofo Sócrates que também teve de lidar em casa com uma “Frau” nada cômoda. Aponta que Freud, como Sócrates, escolheu servir a Eros, o pequeno deus, para servir-se dele. Ainda nos aponta Lacan que o que está em jogo no amor de transferência não é o bem ou a ação em relação ao paciente, mas, precisamente, seu eros.

Também não está em jogo no campo da análise o encanto, a beleza do analista: “Quem já ouviu falar num analista encantador?”⁵ – pergunta Lacan, acentuando que o divã do analista “não é nada menos que um leito de amor”⁶. Amor numa posição precária, paradoxal, em que o sujeito se isola com um outro, o analista, para aprender, pelo seu sintoma, aquilo que lhe falta. Pois a natureza da transferência, enquanto amor possível numa situação analítica se desloca para um saber fazer com o sintoma. Daí que o analista está ali para que o sujeito em análise ame.

⁴ Ibid., p.17

⁵ Ibid., p. 21

⁶ Ibid., p. 22